

POETAS, MENINOS E MALUCOS

Na errata dos gregos,
onde se lê “poesia”, leia-se “arte”

Cid Seixas

Fiel cidadão de Atenas, da cultura, Platão idealizou sua República e de lá expulsou os poetas. Vamos então nos vingar da razão platônica, inventando a república dos poetas, meninos e malucos, onde o chão não seja o deste mundo, mas a terra que se pisa se confunda com as mãos e o corpo de um poderoso e imenso gênio das lâmpadas maravilhosas, ainda encontráveis no desconhecido oriente que trazemos na lembrança. Aí, os nossos desejos mais fundos e defendidos da luz, talvez possam se materializar, brotando da terra – mãe boa, ou gênio amigo – o objeto cobiçado.

Mas essa república impossível já existe.

Exploremos suas veredas, levados pelas mãos de Freud, quando escreveu o ensaio “O poeta e suas fantasias” [Der Dichter und das Phantasieren], originalmente lido como conferência nos salões do editor austríaco Hugo Heller, também membro da Sociedade Psicanalítica de Viena.

Para Freud, as primeiras manifestações da atividade poética, enquanto exercício inventivo ou criação fantasiosa, podem ser procuradas na criança: todo menino ao brincar se conduz como um artista, criando um mundo próprio e situando as coisas do seu universo psíquico numa nova ordem, que lhe seja mais favorável.

Outro ponto de contato entre o jogo da fantasia infantil e a atividade poética é que o menino leva muito a sério sua brincadeira; daí, a antítese do brincar não ser a gravidade, mas o que os outros entendem por *realidade*.

Apesar da carga de afeto do brincar, toda criança distingue muito bem a realidade adulta e as ficções da sua brincadeira, apoiando os objetos e circunstâncias que inventa nas coisas possíveis e tangíveis do mundo objetivo que lhe foi ensinado pela gente grande. O menino mistura a areia da sua fantasia com

o cimento da realidade social, para que o vento não leve as montanhas inventadas; agindo, portanto, com uma malícia ingênua e eficaz que antecipa a *intencionalidade* do poeta, enquanto engenheiro cujo projeto ultrapassa o concreto. Daí a aproximação proposta, com engenho e arte, pelo criador da psicanálise, entre os meandros do jogo infantil e da criação poética:

“Ao crescer, as pessoas param de brincar e parecem renunciar ao prazer que obtinham do brincar. Contudo, quem compreende a mente humana sabe que nada é tão difícil para o homem quanto abdicar de um prazer que já experimentou. Na realidade, nunca renunciamos a nada; apenas trocamos uma coisa por outra. O que parece ser uma renúncia é, na verdade, a formação de um substituto”.

Essas palavras foram escritas no ensaio “Der Dichter und das Phantasieren”, traduzido na *Standard Edition* como “The relation of the poet to day-dreaming” e também citado, entre nós, como “O poeta e os sonhos diurnos”. Compreendemos com Freud que a arte é uma forma de prazer substitutivo, tanto para o criador quanto para o fruidor

do seu jogo, onde o desrespeito às regras não causa nenhum dano à vida social.

Mas será que a arte aceita assumir apenas esse papel de protagonista substituto, ou procura construir o seu próprio espaço? A literatura já foi apontada como um inocente e desprezencioso “sorriso da sociedade”, reforçando, desse modo, a graciosa concepção romântica, surgindo daí a reação realista, posteriormente fundida com a contribuição marxista. Sem ficar no reducionismo de ambas as posições, Roland Barthes retoma Freud, em 1973, fazendo-se *voyer* do *prazer do texto*:

“Texto de prazer: aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática *confortável* da leitura. Texto de fruição: aquele que coloca em situação de perda, aquele que desconforta (talvez até chegar a um certo aborrecimento), faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas, do leitor, a consciência dos seus gostos, dos seus valores e das suas recordações, faz entrar em crise a sua relação com a linguagem.”

Na página seguinte de *O prazer do Texto*, Barthes complementa o raciocínio: “Talvez venha daí um meio de avaliar as obras da modernidade: o seu valor proviria da sua duplicidade. E necessário entender por isto que elas têm sempre duas margens.”

Desde o início do século, com a obra pioneira de Freud, ou, mais precisamente, desde há quatro séculos antes da Era Cristã, especialmente com Platão e Aristóteles, sabe-se que a fantasia é uma satisfação de desejos ou uma retificação da realidade não satisfatória. A noção aristotélica de catarse torna-se o fundamento do método clínico utilizado por Breuer e Freud: a cura pela fala, método de tratamento, a que inicialmente Breuer chamou de *catártico*, mas que Freud preferiu ressignificar como *psicanalítico*.

Na passagem acima do ensaio “Delírios e sonhos na *Gradiva* de Jensen” Freud nos mostra que os processos presentes na narrativa de Jensen são idênticos aos adotados pela psicanálise. Aliás, desde *A interpretação de sonhos*, ele liga o seu método às sugestões das obras literárias, especialmente às da obra de Goethe.

Não nos afastemos, porém, das fantasias e devaneios, dos brinquedos do desejo,

inesgotáveis fontes da matéria bruta processada pelo engenho da arte. Compreender as propriedades desse material possibilita desvendar um pouco o conteúdo do discurso da arte e a especificidade da sua expressão, já que ambos os planos – o plano do conteúdo e o plano da expressão, tal como propostos na teoria da linguagem de Hjelmslev –, germinam, na relação amorosa da criação poética, o nascimento do texto.

Como as pulsões insatisfeitas são as forças propulsoras da fantasia, Freud conjecturou que só o homem inteiramente feliz deixaria de fantasiar. Como há sempre uma fenda, uma ausência, uma falta, ele compara as fantasias do adulto, seus devaneios e seus sonhos diurnos, com as brincadeiras e jogos infantis. De modo contrastivo, ele observa que se o transgredir a realidade socialmente compartilhada é motivo de vergonha para o indivíduo adulto, – tanto que prefere confessar suas culpas que revelar suas fantasias – a criança não se envergonha do seu distanciamento do real nem da subversão dos códigos da realidade adulta.

É por isso que, ao tratar de um tema como “Escritores criativos e devaneio”, Freud sentenciava:

“As fantasias das pessoas são menos fáceis de observar do que o brincar das crianças. A criança, é verdade, brinca sozinha ou estabelece um sistema psíquico fechado com outras crianças, com vistas a um jogo, mas mesmo que não brinque em frente dos adultos, não lhes oculta seu brinquedo. O adulto, ao contrário, envergonha-se de suas fantasias, escondendo-as das outras pessoas. Acalenta suas fantasias como seu bem mais íntimo, e em geral prefere confessar suas faltas do que confiar a outro suas fantasias. Pode acontecer, conseqüentemente, que acredite ser a única pessoa a inventar tais fantasias, ignorando que criações desse tipo são bem comuns nas outras pessoas. A diferença entre o comportamento da pessoa que brinca e da fantasia é explicada pelos motivos dessas duas atividades, que, entretanto, são subordinadas uma à outra.”

Como a realidade percebida pelo indivíduo humano não é construída pela natureza, mas pelas circunstâncias de cada cultura, acredito que nada obrigaria a uma hipotética criatura em estado puro, original ou selvagem, a se identificar com as máscaras e per-

sonagens que cada pessoa veste e encena no espaço de convenção: a cultura. Quando o pano de boca se abre e inaugura para as marionetes o palco iluminado da civilização, as tristes e divididas pessoas gaguejam seu difícil papel. Somente depois, familiarizadas com a presença e os aplausos da plateia, ou resignadas com suas vaias ou com sua indiferença, deixam a máscara grudar à face e esquecem as engrenagens dos escuros bastidores.

Mas se o papel desempenhado não é bem aceito pela plateia, o ator da cultura questiona seu texto e oscila entre uma máscara e outra. Procura construir um novo personagem, emissor de uma fala que lhe permita maior ressonância junto aos discursos da cultura. Ou restará ao personagem a alternativa de rasgar os papéis e dar a palavra ao Outro, que falará por si mesmo, pelo ser humano.

Diferentemente do personagem do teatro, o personagem da cultura não pode, impunemente, encenar o desejo, guardando as fantasias insatisfeitas em cofres de atos falhos, ou sepultando o desejo, acorrentado, sob as pedras do sintoma.

Se o menino que brinca consegue transpor as grades e muros da realidade, o artista também reinstaura, na idade adulta, a linguagem esquecida dos tempos da infância, recuperando a vitalidade e a liberdade capazes de refazer o real, desta vez, corrigido, modificado, de uma forma mais adequada e acessível à felicidade clandestina com que todos sonham.

[linguagens.ufba.br/2021/
poetas-meninos.pdf](http://linguagens.ufba.br/2021/poetas-meninos.pdf)

POETAS, MENINOS E MALUCOS. Artigo sobre a criação artística, originalmente publicado com o título: “Fantasia e Literatura segundo Freud”. Coluna “Leitura Crítica” do jornal *A Tarde*, Salvador, 27 abr. 98, p. 7. Republicado em *Da invenção à literatura: textos de filosofia da linguagem*. Salvador, Rio do Engenho / Editora Universitária do Livro Digital, E-Book.Br, 2017, p. 69-76

<https://issuu.com/e-book.br/docs/invencao>
www.linguagens.ufba.br/pdf/invencao.pdf